

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

OLGA TOKARCZUK

CASA DE DIA,
CASA DE NOITE



cavalo de ferro

*A vossa casa é o vosso corpo em ponto grande.
Cresce ao sol e dorme na quietude da noite;
e tem sonhos.
A vossa casa não sonha?
E, ao sonhar, não deixa a cidade e vai para
bosques e colinas?*

Khalil Gibran

O Sonho

Na primeira noite, tive um sonho imóvel. Sonhei que era um puro olhar, um puro vislumbre sem corpo nem nome. Pairo bem alto sobre um vale num ponto indeterminado, a partir do qual vejo tudo ou quase tudo. Movimento-me dentro deste olhar, permanecendo no mesmo lugar. Ou melhor, é o mundo visto assim que a mim se rende, quando olho para ele. Avança e recua para que eu possa ver tudo de uma só vez ou apenas os mais ínfimos pormenores.

Desta feita, vejo o vale onde, mesmo no meio, está uma casa, mas esta não é a minha casa, nem este o meu vale, porque nada me pertence, porque eu própria não me pertença a mim e nem sequer existe tal coisa como *eu*. Vejo a linha arcada do horizonte que encerra o vale por todos os lados. Vejo a corrente turbulenta e turva a correr por entre os montes. Vejo árvores de portentosas pernas enraizadas na terra como animais unípedes, imobilizados. A imobilidade daquilo que vejo é aparente. É só eu querer e consigo ver além da aparência. Então, sob a casca das árvores, vejo regatos de águas e seivas em movimento para a frente e para trás, para baixo e para cima. Sob o telhado, vejo os corpos das pessoas a dormir e a sua imobilidade também é aparente – nesses corpos batem delicadamente os corações, o sangue murmura nas veias, vejo até os seus sonhos que não são reais e vislumbro o que eles são de verdade – pedaços de imagens

latejantes. Nenhum destes corpos que sonha me é próximo ou afastado. Eu, pura e simplesmente, olho para eles e vejo-me a mim própria nos seus desordenados pensamentos oníricos – é então que descubro uma estranha verdade. Sou um olhar, sem reflexão, sem juízos de valor, sem sentimentos. E, logo a seguir, descubro outra coisa – que também sou capaz de ver através do tempo. Da mesma maneira que mudo o meu ponto de vista no espaço, também sou capaz de o mudar no tempo, como se fosse um cursor num ecrã de computador, que se movimenta por si só ou, pelo menos, nada sabe da mão que o movimenta.

E assim me parece que sonho durante um tempo infindável. Não existe antes nem depois; também não espero nada de novo, pois nada posso ganhar ou perder. A noite nunca mais acaba. Nada acontece. Nem mesmo o tempo altera o que vejo. Olho e não vejo nada de novo, mas também não esqueço nada daquilo que vi.

Marta

Quando nos mudámos para ali, passámos o primeiro dia às voltas pelo nosso lote de terreno. As galochas enterravam-se no solo argiloso. A terra era vermelha, as mãos sujavam-se de vermelho e quando se lavavam, corria uma água vermelha. R. voltou a observar as árvores do pomar. Eram velhas e bravias, cresciam para todos os lados. Árvores daquelas provavelmente não dariam fruto. O pomar estendia-se até à floresta e só findava antes da muralha escura dos abetos, apumados como um batalhão. Na parte da tarde, voltou a cair neve misturada com chuva. A água acumulava-se na terra argilosa, formando veios e regatos e, lá de cima, escorria direitinha para dentro de casa, infiltrava-se nas paredes

e desaparecia algures sob os alicerces. Alarmados com o constante sussurro, descemos até à cave de velas acesas. Um riacho corria pelas escadas de pedra abaixo, lavava o chão de pedra e escoava ainda mais para baixo em direcção à lagoa. Apercebemo-nos de que a casa fora construída sobre o leito de um rio, inadvertidamente erigida sobre águas correntes subterrâneas e, agora, já nada havia a fazer. A não ser habituar-se ao murmúrio lúgubre e eterno da água, bem como a um sono agitado.

Havia ainda outro rio do lado de lá da janela — uma corrente cheia de água turva e barrenta que, desamparada, varria as raízes imóveis das árvores e desaparecia na floresta.

Da janela do maior compartimento, via-se a casa de Marta. Conheço-a há três anos e, desde então, ando a magicar quem Marta realmente é. Cada vez que fala de si, conta-me versões diferentes. Mesmo quando se refere à data do seu nascimento. Para mim e para R., Marta só existia no Verão; no Inverno, desaparecia, tal como tudo por ali. Era pequena, completamente grisalha e faltavam-lhe dentes. A sua pele era enrugada, seca e quente. Sei-o porque nos beijámos no primeiro dia, chegámos até a abraçarmo-nos desajeitadamente e senti o seu cheiro — uma humidade seca à força. Este cheiro permanece para sempre e é impossível livrarmo-nos dele. A roupa, uma vez molhada pela chuva, tem de ser lavada — assim dizia a minha mãe, mas ela também lavava tudo desnecessariamente. Abria os armários, tirava de lá os lençóis, lavados e engomados, e enfiava-os na máquina de lavar roupa como se a falta de uso os sujasse tanto quanto o uso. O cheiro da humidade em si era desagradável, mas na roupa de Marta, na sua pele, cheirava familiar e agradavelmente. Se Marta andava por ali, então, estava tudo no seu lugar e na devida ordem.

Marta veio ter connosco logo no segundo serão. Primeiro, bebemos chá, depois aquele vinho de roseira brava do ano

anterior, escuro e espesso, tão doce que a cabeça andava à roda logo após o primeiro trago. Eu estava a tirar os livros dos caixotes. Marta segurava o cálice com as duas mãos e olhava sem interesse. Ocorreu-me que Marta talvez não soubesse ler. Assim me quis parecer. Era bem possível, pois era suficientemente velha para não ter passado pelo ensino público obrigatório. As letras não detinham o seu olhar, mas também nunca lho perguntei.

As cadelas excitadas entravam e saíam de casa, trazendo no pêlo o cheiro do frio e do vento. Aqueciam-se ao pé do fogão e, logo a seguir, eram atraídas pelo pomar. Marta roçava os dedos longos e ossudos pelos seus dorsos e repetia-lhes que eram lindas. E foi assim que, durante todo o serão, só falou com as cadelas. Eu olhava para ela de soslaio, colocando os livros em prateleiras de madeira. O aplique da parede iluminava-lhe o topo da cabeça, bem como a cabeleira de finos cabelos grisalhos, atados numa trancinha a partir da nuca.

Lembro-me de tanta coisa, mas não me lembro da primeira vez que vi Marta. Lembro-me de todos os primeiros encontros com as pessoas que viriam a tornar-se importantes para mim; lembro-me se fazia sol, lembro-me de pormenores do vestuário (por exemplo, das botas caricatas de R., fabricadas na RDA); lembro-me de cheiros, de sabores e de algo a que podemos chamar a qualidade do ar – se era áspero e rígido ou se liso e fresco como manteiga. De tudo isto depende a primeira impressão. Estas coisas gravam-se algures, naquelas partes isoladas, porventura, animaisca do cérebro e é impossível esquecê-las. No entanto, não me lembro do meu primeiro encontro com Marta.

Deve ter ocorrido no início da Primavera, que aqui é o tempo de todos os princípios. Deve ter ocorrido nesta zona irregular do vale, pois Marta, sozinha, nunca vai para mais longe. Certamente cheirava a água e a neve derretida. Devia

trazer vestido aquele seu casaco de malha cinzento com os buracos dos botões alargados.

Eu pouco sabia de Marta. Sabia apenas o que ela própria me revelava. O resto tinha de ser eu a adivinhar, tendo consciência de que fantasiava sobre Marta e a recriava com todo o seu passado e presente. Quando lhe pedia que me contasse coisas acerca dela, dos tempos de quando era nova ou das coisas do passado que hoje são evidentes, ela mudava de assunto, virava o rosto para a janela ou, pura e simplesmente, calava-se e começava a cortar couves muito concentrada ou ainda a entrançar cabelo alheio que se destinava a perucas. Ainda que procedesse desta maneira, eu não sentia que ela tivesse relutância em falar. Era mesmo assim, era como se Marta não tivesse nada para contar acerca de si própria. Como se não tivesse uma história de vida. Só gostava de falar das outras pessoas, pessoas que eu vira umas poucas vezes casualmente ou que nem sequer chegara a ver, porque tinham vivido há muito, muito tempo. Gostava também de falar de pessoas que nunca tinham existido; só mais tarde viria a encontrar provas de que Marta gostava de inventar. E gostava ainda de falar dos lugares onde enraizava essas pessoas como plantas. Nessas alturas, era capaz de falar horas a fio até eu me cansar e procurar um pretexto cortês para a interromper e regressar a casa por entre as ervas. Às vezes, ela própria interrompia as suas histórias, repentinamente, sem motivo e não voltava ao assunto durante semanas, até que um belo dia, sem mais nem menos, as retomava: «Lembras-te de eu te ter dito que...» «Lembro-me.» «Pois, então, depois aconteceu que...» Aí puxava um fio ressequido da antiga meada, enquanto eu procurava na memória de quem é que ela estava a falar e em que ponto havia ficado. E, para meu espanto, recordava-me não tanto da história em

si como de Marta a contá-la, da sua figura miúda, das suas costas curvadas sob o tal casaco de malha com os buracos dos botões alargados, dos seus dedos ossudos. Recordava, por exemplo, que contara essa história no lugar da frente do carro, quando fôramos a Wambierzyce encomendar tábuas ou quando colhíamos camomila no campo de Bobol. Eu nunca era capaz de reconstituir a história em si, mas conseguia sempre reconstituir a cena, as circunstâncias e o mundo que em mim se enraizara, como se aquelas histórias fossem irreais, inventadas, sonhadas, gravadas na minha cabeça e na dela, turvadas pelas palavras. Marta interrompia-as tão subitamente como as iniciava. Por causa de um garfo que caía ao chão e que com a sua sonoridade de alumínio despedaçava a última frase, deixando a palavra seguinte em suspenso na sua boca de tal modo que tinha de a engolir. Ou, então, o nosso vizinho Fulano, tal como era seu costume, entrava em casa sem bater, pateando ruidosamente com as botifarras, desde o limiar da porta, e arrastando consigo veios de água, orvalho e lama – e tudo o mais que houvesse lá fora. Na sua presença, tornava-se impossível continuar a conversar, por causa da barulheira que fazia.

Muitas das coisas que Marta me contou já se me varreram da cabeça. Delas restam-me apenas vagos desenlaces, como a mostarda que ficou à beira do prato depois de consumida a refeição principal. Umas quantas cenas, terríveis ou divertidas. Umas quantas imagens descontextualizadas – crianças a pescar trutas com as mãos no ribeiro. Não sei porque coleccionei estes detalhes e me esqueci da história em si, que devia ter algum significado, já que era uma história com princípio, meio e fim. Retive caroços, que, mais tarde, a minha memória – com toda a razão – se encarregou de cuspir.

Ao contrário do que possa parecer, não me limitei a escutar. Também falava com ela. Certa vez, logo no princípio,

disse-lhe que tinha medo de morrer, não da morte em geral, mas do momento em que já não poderia adiar nada para mais tarde. E que este medo surgia sempre de noite, nunca de dia, e durava uns terríveis instantes como um ataque epiléptico. Arrependi-me de imediato desta confissão repentina. Nessa ocasião, fui eu quem se esforçou por mudar de assunto.

Marta não tinha espírito de psicoterapeuta. Não fazia perguntas, não abandonava logo a loiça que estava a lavar para se sentar a meu lado e me dar pancadinhas nas costas. Não tentava, como os outros, sequenciar tudo o que é importante no decurso do tempo e perguntar de repente: «Quando é que isso começou?» Nem Jesus escapou a esta tentação desprovida de sentido e perguntou ao endemoniado que iria curar: «Quando é que isso começou?» Mas, afinal de contas, parece que o mais importante é o que acontece diante dos nossos próprios olhos e as perguntas sobre o princípio e o fim não trazem qualquer conhecimento relevante.

Às vezes, pensava que Marta não escutava ou era insensível, como uma árvore cortada e morta, porque, nessas alturas, o tilintar da loiça não cessava como eu esperava, nem os seus movimentos perdiam a fluidez da rotina. Mais do que uma vez, Marta chegou mesmo a parecer-me cruel, como, por exemplo, quando engordava os seus galos e depois os matava e comia de uma assentada, num período de dois dias, durante o Outono.

Não compreendia Marta naquela altura e agora também não a compreendo, quando penso nela. Mas para que preciso eu de compreender Marta? Que lucraria eu com a descoberta dos motivos do seu comportamento e das fontes das suas histórias? Que lucraria eu com a história da sua vida, se é que Marta tinha alguma biografia? Haverá pessoas sem biografia, sem passado e sem futuro que surjam diante de nós como um eterno agora?

Fulano

Durante alguns serões seguidos, logo depois do noticiário do final da tarde, o nosso vizinho Fulano veio ter connosco, visitando-nos em nossa casa. R. aquecia, então, vinho tinto, adicionava uma pitada de canela e juntava uns cravinhos. Nesses serões, Fulano falava do Inverno, já que era preciso falar do Inverno para que o Verão pudesse chegar. E contava sempre a mesma história – a de como Marek Marek se enforcou.

Já tínhamos ouvido a história contada por outras pessoas, mas ontem e anteontem ouvimo-la contada por Fulano. Da segunda vez, esqueceram-se de que já a tinha contado e começou tudo do princípio. E, no princípio, perguntava porque não fôramos ao funeral. Não tínhamos conseguido ir, porque isso fora em Janeiro e nós não estávamos presentes para ir ao funeral. Nevava, os carros não queriam pegar e as baterias tinham ido abaixo. A estrada de Jedlina estava cheia de neve e os autocarros estavam atolados em engarrafamentos infernais.

Marek Marek morava no casebre com telhado de chapa. No Outono anterior, a sua égua viera amiúde até ao nosso pomar comer as maçãs caídas no chão. Desenterrava os frutos debaixo das folhas em decomposição. Olhava para nós com indiferença. R. chegou a dizer que olhava ironicamente.

Certo dia, Fulano regressava de Nowa Ruda na parte da tarde, quando já começava a escurecer. Reparou que a porta da casa de Marek Marek estava semiaberta da mesma maneira que estivera de manhã; resolveu então encostar a bicicleta à parede e espreitar pela janela. Viu-o imediatamente. Não estava nem pendurado nem deitado junto à porta; estava retorcido e sem dúvida morto. Fulano levou as mãos à testa para ver melhor. Marek Marek tinha o rosto arroxeadado e

a língua de fora. Os seus olhos olhavam algures para cima. «Mas que parvo mais parvo», disse Fulano de si para si, «nem sequer soube enforçar-se como deve ser».

Pegou na bicicleta e foi-se embora.

Durante a noite, sentiu-se um pouco esquisito. Ficara a pensar se a alma de Marek Marek teria ido para o Céu ou para o Inferno ou para onde quer que a alma fosse, se é que ia para algum lado.

Acordou de repente, quando a noite deixou de ser negra e viu-o perto da lareira. Marek Marek estava ali e olhava para ele. Fulano ficou nervoso:

– Por favor, vai-te embora daqui. Esta é a minha casa. Tu tens a tua. – A aparição não se mexeu; olhava directamente para ele com um estranho olhar que parecia trespassar-lhe o corpo.

– Marek, vai-te embora, sou eu que to peço – repetiu Fulano, mas Marek, ou quem quer que agora fosse, não reagiu. Então, Fulano, superando o medo de reagir, levantou-se da cama e pegou numa galocha. Assim armado, dirigiu-se para a lareira. A aparição desapareceu diante dos seus olhos. Fulano pestanejou fortemente e regressou aos seus lençóis quentes.

De manhã, quando foi buscar lenha, voltou a espreitar pela janela da casa de Marek. Nada se alterara, o corpo estava na mesmíssima posição, mas naquele dia o rosto parecia mais escuro. Durante todo o dia, Fulano carregou lenha dos montes numa espécie de trenó que fizera no Verão passado. Transportou até casa pequenas bétulas, que ele próprio era capaz de cortar, bem como troncos grossos de abetos e de faias derrubadas. Arrumou tudo no barracão e preparou a madeira para ser cortada em pedaços mais pequenos. Depois, espevitou o lume no fogão até aquecer a placa e esta ficar vermelha. Fez rapidamente uma sopa de batata para si e para os cães, ligou o televisor a preto e branco e, comendo, observava as imagens que se sucediam. Não se ouvia nem

uma palavra. Quando se enfiou na cama, persignou-se pela primeira vez em muitíssimos anos, talvez desde o crisma, talvez desde o casamento. Este gesto há muito esquecido deu-lhe uma ideia – ir falar com o padre.

No dia seguinte, pôs-se a cirandar timidamente em volta da casa paroquial. Encontrou o padre quando este, com passo acelerado, se dirigia para a igreja, evitando pisar as camadas de neve que já estavam a derreter-se. Fulano não era parvo e não foi direito ao assunto.

– O que faria o Senhor Padre, se um espírito lhe aparecesse?

O padre olhou para ele surpreendido e logo a seguir o seu olhar dirigiu-se para o telhado da igreja, onde decorriam umas intermináveis obras.

– Mandava-o embora.

– E se esse espírito fosse teimoso e não quisesse ir-se embora, o que é que o Senhor Padre faria?

– Como em tudo, é preciso ser-se firme – respondeu o padre, meditativo, ultrapassando habilmente Fulano.

E as coisas voltaram a acontecer tal como na noite anterior. Fulano acordou de repente, como se alguém o tivesse chamado, sentou-se na cama e viu Marek Marek de pé junto à lareira.

– Fora daqui – gritou.

A aparição não se mexeu e Fulano ficou com a sensação de ter visto, no seu rosto negro e inchado, um sorriso irónico.

– Raios te partam! Porque não me deixas dormir? Desanda – disse.

Pegou na galocha e, com ela armado, dirigiu-se para a lareira.

– Por favor, vai-te embora daqui! – berrou, e o espírito desapareceu.

Na terceira noite, a aparição não apareceu e, no quarto dia, a irmã de Marek Marek encontrou o corpo e fez grande

alarido. A polícia chegou de imediato, embrulhou Marek Marek num plástico preto e levou-o. Fizeram muitas perguntas a Fulano, onde estivera e o que fizera. Respondeu que não reparara em nada de estranho. Disse também que quando alguém bebe como Marek Marek, mais tarde ou mais cedo, acaba assim. Concordaram com ele e foram-se embora.

Fulano pegou na bicicleta e arrastou-se até à cidade de Nowa Ruda. No bar Lido, sentou-se com uma caneca de cerveja à frente e saboreou-a gole após gole, devagar. Entre todos sentimentos que já experimentara, o alívio era o mais forte.

Rádio Nowa Ruda

A rádio local Nowa Ruda tinha emissões diárias de doze horas. Emitia sobretudo música. Às horas certas, transmitiam notícias nacionais e, às meias horas, as locais. Além disso, lançavam todos os dias um concurso, que era quase sempre ganho pela mesma pessoa, um homem chamado Wadera. Devia possuir vastos conhecimentos, sabia coisas impossíveis de adivinhar. Prometi a mim própria que, um dia, haveria de descobrir quem era o senhor Wadera, onde morava e como é que sabia tudo. Haveria de ir pelos montes até Nowa Ruda para lhe perguntar algo importante, mas ainda não sabia bem o quê. Imaginava-o a levantar todos os dias o auscultador, como quem não quer a coisa, e a dizer: «Sim, eu sei a resposta, trata-se de *canis lupus*, o maior representante da espécie canina», ou «A camada que cobre as telhas de cerâmica antes de irem ao forno chama-se engobe», ou ainda «Considera-se que os professores de Pitágoras foram Ferécides, Hermódamas e Arquímanes». E assim era todos os dias. Os prémios eram livros do fornecedor local. O senhor Wadera já devia ter uma inestimável biblioteca.

Certa vez, antes de ser feita a pergunta para o concurso, ouvi o locutor dizer com uma voz insegura: «Senhor Wadera, por favor, não nos ligue hoje.»

Entre o meio-dia e a uma hora, uma simpática voz feminina lia um romance em folhetins e era impossível não a ouvir. Todas nós tínhamos de ouvir aqueles romances, pois passavam na hora de preparar o almoço e, nessa altura, normalmente estávamos a descascar batatas ou a colar pastéis de massa tenra. Foi assim que, durante todo o mês de Abril, Ana Karenina me acompanhou.

«Ele ama outra mulher, não há dúvida alguma», concluiu ela ao entrar no quarto. “Eu anseio por amor e esse amor não existe. Assim está tudo acabado. É preciso pôr fim a isto”. “Mas como?”, perguntava a si própria, deixando-se cair no cadeirão diante do espelho.»

Às vezes, por volta do meio-dia, Marta vinha a nossa casa e instintivamente começava a ajudar em qualquer coisa. Por exemplo, punha-se a cortar cenoura aos cubinhos.

Marta ouvia calmamente e com seriedade, mas nunca dizia nada sobre Ana Karenina, nem sobre os romances que eram lidos. Chegava a suspeitar que ela não entendia pata-vina daquelas histórias lidas e dialogadas pela mesma voz e que ela apenas escutava palavras soltas ou ouvia apenas a melodia da língua.

As pessoas da idade de Marta costumam ter arteriosclerose ou Alzheimer. Certa vez, estava eu a mondar o jardim, quando R. me chamou do outro lado da casa. Não tive tempo para responder.

— Ela está para aí? — perguntou R. a Marta, que estava num lugar onde nos via aos dois. Marta olhou para mim e gritou-lhe:

— Não, não está aqui.

Depois, deu meia-volta calmamente e foi para casa.

– Porque é que Fulano vê espíritos e eu não? – perguntei certa vez a Marta. Porque ele estava vazio por dentro, foi o que Marta respondeu. Naquela altura, entendi-o como sinal de insensatez e simplicidade. Um homem cheio por dentro pareceu-me ser mais valioso do que um homem vazio.

Estava eu a lavar o chão da cozinha, quando subitamente percebi o que Marta queria dizer. É que Fulano pertence àquele tipo de pessoas que imaginam Deus como se Ele estivesse ali e os outros acolá. Fulano via tudo fora de si, até mesmo a sua própria pessoa, ele via-a fora de si, observava-se a si próprio como se visse uma fotografia. Só tinha contacto consigo próprio, quando se via ao espelho. Quando estava ocupado, por exemplo, construindo os seus trenós delicados, semelhantes a filigrana, deixava de existir para si, pois pensava nos trenós e não em si. Ele próprio não era uma coisa interessante para si mesmo, algo em que pudesse pensar. Somente quando se vestia para ir em peregrinação diária a Nowa Ruda para comprar um maço de tabaco e uns comprimidos com uma cruzinha e se via ao espelho já vestido e pronto, pensava em si como *ele*. Nunca como *eu*. Via-se somente com os olhos com que os outros o viam e, por isso, a sua aparência se tornava tão importante – o casaco novo de sair à rua e a camisa bege, cujo colarinho claro contrastava com o rosto fegoso. Por tal razão, Fulano até mesmo para si existia apenas no exterior. No interior de Fulano nada havia que olhasse de dentro para fora; logo, não havia reflexo. E só assim era possível ver espíritos.

Marek Marek

Havia algo belo naquela criança – era o que todos diziam. Marek Marek tinha os cabelos quase brancos e uma cara de anjo. As irmãs adoravam-no. Passeavam com ele pelos trilhos dos montes num carrinho de bebê, outrora pertença dos alemães, e brincavam com ele como se fosse uma boneca. A mãe não queria deixar de o amamentar; quando ele mamava, ela sonhava vagamente que, por ele, seria capaz de se transformar toda em leite e de se transvazar toda pelo seu próprio mamilo, uma perspectiva bem melhor do que todo o seu futuro como esposa de Marek, o pai. Mas Marek Marek cresceu e deixou de procurar o seu peito. Em contrapartida, o velho Marek voltou a procurar-lhe o peito e fez-lhe ainda mais alguns filhos.

Apesar de ser uma criança linda, o pequeno Marek Marek comia muito pouco e chorava à noite. E talvez por isso o próprio pai não gostava dele. Quando voltava bêbedo, Marek Marek era sempre o primeiro a apanhar. Quando a mãe intervinha em sua defesa, era ela quem apanhava a torto e a direito, até que todos fugiam para o sótão, deixando ao pai a casa, que ele ocupava com os seus roncos. As irmãs mais velhas tinham pena do irmão e, por isso, depressa o ensinaram a esconder-se assim que elas dessem um sinal combinado. Foi assim que, desde os cinco anos de idade, Marek Marek começou a passar a maior parte dos serões na cave. Aí chorava sem voz, sem sussurro, sem lágrimas.

Aí também compreendeu que lhe doía não vinha do exterior, mas do interior e não tinha nada que ver nem com o pai bêbedo nem com o peito da mãe. Doía por si só e em si, pela mesma razão que o Sol nasce de manhã e as estrelas aparecem à noite. Doía. Ainda não sabia o que era, mas às vezes tinha a impressão de recordar vagamente um

calor, uma luz quente, que derretia e dissolvia todo o mundo. De onde vinha, ele não sabia. Da infância, recordava sobretudo as trevas, um eterno crepúsculo, o céu escuro, o mundo mergulhado numa escuridão deslavada, a tristeza e a frieza das noites sem princípio nem fim. Também se lembrava do dia em que a electricidade chegou à aldeia e dos postes que, desde a aldeia vizinha, marchavam pelos montes, semelhantes às colunas de uma enorme igreja.

Marek Marek foi a primeira pessoa e a única do lugarejo a inscrever-se na biblioteca municipal de Nowa Ruda. Depois, passou a esconder-se do pai com um livro na mão, pelo que tinha muito tempo para ler.

A biblioteca de Nowa Ruda ficava no edifício da antiga fábrica de cerveja, onde tudo ainda cheirava a lúpulo e a cerveja – as paredes, os soalhos e os tectos estavam embebidos de um cheiro ácido. Até mesmo as folhas dos livros cheiravam mal, como se sobre elas tivesse sido derramada cerveja. Conseguiu até esquecer-se da escuridão e deixou de ver a diferença entre o claro e o escuro. O corpo tornava-se lento e não lhe obedecia – e isto também era do seu agrado. Era como se pudesse sair do seu corpo e viver ao lado de si, sem pensar nem sentir.

As irmãs mais velhas foram casando e saíram de casa. Um dos irmãos mais novos morreu num incidente com uma granada dos tempos da guerra que não tinha explodido. Outro andava numa escola especial em Kłodzko e, assim, o velho Marek continuava a poder bater em Marek Marek. Por não ter fechado o galinheiro, por a relva estar mal cortada, por ter estragado o eixo da debulhadora. Mas quando Marek Marek já tinha os seus vinte anos, pela primeira vez, retribuiu ao pai a agressão e, a partir daí, começaram a bater-se um ao outro com regularidade. Nessa altura, quando Marek Marek tinha tempo livre e não tinha dinheiro para a bebida,

lia obras de Stachura, um poeta suicida. Na verdade, foi em atenção a Marek Marek que as bibliotecárias compraram as obras completas daquele autor polaco, obras essas que tinham uma capa azul que parecia ser de ganga.

Continuou sempre muito bonito – cabelos loiros até aos ombros e o rosto liso de uma criança. E uns olhos muito azuis, quase desbotados, como se tivessem perdido a cor, com o hábito de enxergar as luzes dos sótãos escuros e o cansaço de ler aqueles volumes de capas azuis. Mas as mulheres tinham medo dele. Certa vez, saiu da discoteca com uma rapariga e, de repente, empurrou-a contra um sabugueiro e arrancou-lhe a blusa. Ainda bem que a rapariga gritou, pois logo acudiram outros rapazes que o esmurraram. Ela até simpatizava com ele, só que ele não sabia como lidar com as mulheres. Outra vez, embebedou-se e agrediu com uma faca um rapaz que andava com uma rapariga que ele conhecia, como se tivesse sobre ela direito exclusivo, como se tivesse o direito de defender os seus próprios direitos à facada. Depois, já em casa, chorou.

Bebia e gostava desse estado; gostava que as suas próprias pernas o levassem pelos montes, enquanto todo o seu interior, incluindo a sua dor íntima, se apagava, como quem desliga um interruptor, fazendo a escuridão cair subitamente. Gostava de frequentar o bar Lido com o seu barulho e fumo para depois se encontrar, sem saber como, no meio do campo do linho em flor e aí ficar deitado até de madrugada. Morrer. Ou, então, gostava de beber no bar Jubilatka e depois ir para casa aos ziguezagues pela estrada em direcção à aldeia, com o rosto ensanguentado e um dente partido. Existir apenas parcialmente, inconscientemente. Deixar de existir suavemente. Levantar-se de manhã e sentir dor de cabeça, pelo menos, sabia o que lhe doía. Sentir a sede e ser capaz de a saciar.

Marek Marek acabou por apanhar o pai. Bateu-lhe tanto contra o banco de pedra que lhe partiu as costelas e o velho desmaiou. Veio a polícia, levou-o para a cela dos bêbedos, depois mantiveram-no na cadeia, onde não havia nada para beber.

Nessa altura, Marek Marek, entre as ondas das dores de cabeça e os devaneios da ressaca, lembrou-se de que, certa vez, logo no início, tinha caído. Que antes estivera lá em cima e, agora, estava cá em baixo. Lembrava-se desse movimento para baixo e do pavor, mais do que pavor. Não havia palavra para tal. O corpo estúpido de Marek Marek acolhera irrefletidamente aquele medo e começou a estremecer, enquanto o seu coração martelava como se fosse soltar-se. O corpo de Marek Marek, porém, não sabia o que aceitara – é que um medo daqueles, só uma alma imortal conseguiria suportá-lo. O corpo sufocava, encolhia e atirava-se às paredes da pequena cela, espumando.

– Raios te partam, Marek – gritavam os guardas. Deitaram-no ao chão, amarraram-no e deram-lhe uma injeção.

Acabou por ir parar ao centro de reabilitação. Juntamente com outros sujeitos que também envergavam pijamas desbotados, arrastava-se pelos largos corredores e pelas escadas em caracol do hospital. Ficava na fila obedientemente à espera dos medicamentos. Tomava os comprimidos como quem comunga. Olhava pela janela e, pela primeira vez, ocorreu-lhe que o seu objectivo era morrer tão depressa quanto possível, libertar-se daquele país enfadonho, daquela terra vermelho-acinzentada, daquele hospital sobreaquecido, daquele pijama constantemente lavado, daquele corpo intoxicado. E, a partir daí, todos os seus pensamentos convergiram para o mesmo – descobrir as possíveis maneiras para morrer.

De noite, debaixo do chuveiro, cortou os pulsos. A pele branca do seu antebraço abriu-se e ficou à vista o interior

de Marek Marek. Era vermelho e carnudo, como carne de vaca fresca. Antes de desmaiar, surpreendeu-se – sabe-se lá porquê –, pensando que aí veria uma luz.

Claro está, fecharam-no na solitária, houve alguma ce-leuma e a sua estada no hospital foi prolongada. Passou aí todo o Inverno e, quando regressou a casa, constatou que os pais se tinham mudado para casa da filha na cidade e, agora, estava sozinho. Deixaram-lhe o cavalo e era com o cavalo que ele ia buscar madeira à floresta, cortava-a e vendia-a. Tinha dinheiro; logo, podia começar novamente a beber.

Marek Marek tinha um pássaro dentro de si – era isto o que sentia. Mas este seu passarão era uma ave esquisita, imaterial, inominável e não era mais aviária do que ele próprio. Sentia-se atraído por coisas que não compreendia e de que tinha medo. Tinha medo das perguntas, para as quais não havia resposta, das pessoas, diante das quais sempre se sentira anormal. Apetecia-lhe praticar actos como ajoelhar-se e, de repente, começar a rezar em desespero, sem nada pedir, apenas para falar, falar, falar na esperança de que alguém o ouvisse. Odiava aquela criatura que existia nele e que só lhe proporcionava dor. Se não fosse ela, beberia calmamente e sentar-se-ia em frente de casa e contemplaria a montanha que se erguia diante da sua casa. Depois, haveria de ficar sóbrio e curar a ressaca com um cálice de vodka e, em seguida, embebedar-se-ia de novo sem pensar em nada, sem culpa, sem decisões. O passarão devia ter asas. Às vezes, batia as asas à toa no interior do seu corpo, adejava como se estivesse preso, mas Marek Marek sabia que ele tinha as patas atadas, talvez até ligadas a algo pesado, pois nunca conseguia levantar voo. «Meu Deus», exclamava, ainda que não acreditasse em Deus, «porque é que sofro tanto com esta coisa cá dentro de mim?». A criatura era imune ao álcool, permanecia sempre dolorosamente consciente, lembrava-se

de tudo o que Marek Marek fizera, perdera, esbanjara, descuidara, de tudo o que acontecera e passara por ele.

– Puta de merda – tartamudeava à bêbedo, dirigindo-se a Fulano –, porque é que esta coisa está dentro de mim, porque é que me tortura assim? – Mas Fulano era surdo e não entendia nada de nada. Respondia:

– Roubaste-me as peúgas novas. Estavam a secar na corda.

O passarão que estava dentro de Marek Marek tinha asas agitadas, patas amarradas e olhos apavorados. Marek Marek suspeitava que o animal ficara aprisionado nele. Alguém o tinha prendido a ele, embora ele não fizesse ideia como tal fora possível. Às vezes, quando deambulava em pensamento, deparava-se com aquele olhar assustador e ouvia o lamento desesperado do animal. Nessas ocasiões, pegava em si e punha-se a correr à toa, pelos montes acima, pelo bosque de bétulas, pelos trilhos da floresta. E ao correr, observava os ramos – qual deles aguentaria o peso do seu corpo? –, enquanto o passarão bradava nele: «Solta-me, liberta-me, não te pertença, sou de outro sítio.»

Primeiramente, Marek Marek pensou que se tratava de um pombo – o pai fazia criação. Detestava pombos, detestava os seus olhos redondos e vazios, o seu patinhar teimoso, o seu voo receoso com constantes mudanças de direcção. Quando já nada havia para comer, o pai mandava-o rastejar pelo pombal e tirar de lá as aves pacatas e entorpecidas. Ele entregava-as ao pai uma a uma, segurando-as com ambas as mãos, e o pai, com um gesto hábil, torcia-lhes o pescoço. Detestava o modo como morriam. Morriam como coisas, como objectos. E, de igual modo, detestava o pai. Mas, certa vez, viu junto à lagoa dos Frost um pássaro diferente. Saltara-lhe aos pés e, com dificuldade, elevava-se por cima dos arbustos, das árvores e de todo o vale. Era grande e preto. Tinha o bico vermelho e as pernas altas. O pássaro soltou um

grito estridente e o ar ondulou por um instante com o bater das suas asas.

Aquele passarão que trazia em si era, portanto, uma cegonha preta, só que tinha patas vermelhas amarradas e asas rasgadas. Gritava e debatia-se. Marek Marek acordava de noite, ouvindo em si este grito, um grito assustador, infernal. Sentava-se na cama, amedrontado. Já sabia que não conseguiria adormecer até de manhã. A almofada cheirava a humidade e a vomitado. Levantava-se e procurava algo para beber. Às vezes, ficavam algumas pingas no fundo da garrafa do dia anterior, outras, não. Era cedo demais para ir à loja. Era cedo demais para estar vivo, por isso andava de parede em parede e ia morrendo.

Quando estava sóbrio, sentia o passarão em todas as partes do corpo. Ali mesmo à flor da pele. Havia momentos em que lhe parecia que ele próprio era o tal pássaro e, nessa altura, sofriam os dois juntos. Todo e qualquer pensamento que aflorasse o passado ou o futuro duvidoso doía. Por causa dessa dor, Marek Marek não era capaz de concluir nenhum pensamento, tinha de os apagar e dissipar para que deixassem de ter significado. Quando pensava em si e em quem fora, doía-lhe. Quando pensava em si e em quem agora era, doía-lhe ainda mais. Quando pensava em si e em quem se tornaria, o que lhe aconteceria no futuro, a dor tornava-se insuportável. Quando pensava na sua casa, via de imediato tábuas podres, prestes a ruir. Quando pensava no campo, lembrava-se de que não o semeara. Quando pensava no pai, sabia que o espancara. Quando pensava na irmã, lembrava-se de lhe ter roubado dinheiro. Quando pensava na sua égua querida, recordava que, depois de ter ficado sóbrio, a encontrara já morta com o poldro acabado de nascer.

Mas quando bebia, era melhor. Não porque o passarão bebia com ele. Não, o passarão nunca se embebedava, nunca

dormia. Só que o corpo bêbedo e a mente bêbeda de Marek Marek não prestavam atenção à agitação do pássaro. Por conseguinte, tinha de beber.

Certa vez, experimentou fazer vinho; arrancou as groselhas com raiva – tinha um grande pomar de groselhas – e com as mãos a tremer enfiou-as nos garrações. Sacrificou parte do seu dinheiro para comprar açúcar e, depois, colocou a mistela no sótão, num lugar ameno. Estava contente porque ia ter o seu próprio vinho, porque quando sentisse secura na garganta, bastava ir ao sótão, meter um tubinho e beber directamente do garração. Mas, primeiro que desse por isso, já tinha bebido tudo, muito antes de ter fermentado como devia. Depois, acabou por mastigar o mosto. Já há muito que tinha vendido o televisor e o rádio e o leitor de cassetes. De qualquer das maneiras, também não era capaz de ouvir nada de jeito – tinha sempre um adejar de asas nos ouvidos. Vendeu o roupeiro com o espelho, a tapete, as grades, a bicicleta, o fato, o frigorífico, as imagens de Cristo com a coroa de espinhos e a de Nossa Senhora com o coração à vista, o regador das flores, os carrinhos de mão, a debulhadora, a atadeira de feno, a carroça de pneus, os pratos, os tachos e até achou quem lhe comprasse o esterco. Depois, Marek Marek começou a andar pelas ruínas das casas que os repatriados alemães tinham abandonado e encontrava nas ervas bebedouros de pedra para animais, que vendia a um sujeito que as levava para a Alemanha. Venderia ao Diabo a sua casa a cair de podre, mas não podia. Ainda pertencia ao pai.

Para ele, os melhores dias eram aqueles em que, por milagre, conseguia guardar um pouco de álcool até ao dia seguinte, de modo que, ao acordar, pudesse logo emborcar um pouco, ainda antes de se levantar da cama. Sentia-se, então, no sétimo céu, mas esforçava-se por não voltar a adormecer a fim de não perder aquele estado divino. Depois, levantava-se

atordoado e sentava-se no banco em frente da casa. Mais cedo ou mais tarde, Fulano haveria de passar por ali a caminho de Nowa Ruda, empurrando a bicicleta.

– Olá, seu velho vagabundo tonto – costumava dizer-lhe Marek Marek, levantando a mão trémula para o cumprimentar. O outro retribuía com um sorriso desdentado. Afinal, encontrara as peúgas. Fora o vento que as levava e atirara para as ervas.

Em Novembro, Fulano trouxe-lhe um cachorrinho preto.

– Toma lá – dissera-lhe. – É para não continuares triste por causa da *Diana*. Era uma bela égua.

Marek Marek levou o cão, primeiramente, para dentro de casa, mas depois enfureceu-se, porque o cão fez chichi no chão. Por isso, levou para o exterior uma banheira velha, virou-a ao contrário e apoiou-a em duas pedras. Enterrou no solo um gancho com uma corrente e amarrou o cachorro. E assim fez uma casota original. A princípio, o cão ganhava e uivava, mas acabou por se habituar. Abanava o rabo quando Marek Marek lhe trazia comida. Com o cão sentia-se um pouco melhor, parecendo até que o passarão se acalmara ligeiramente. Mas foi sol de pouca dura, pois, em Dezembro, nevou e certa noite a temperatura desceu tanto que o cão morreu gelado. Encontrou-o de manhã, coberto de neve. Parecia um monte de trapos deitados fora. Marek Marek tocou-lhe com o pé – estava rígido.

No Natal, a irmã convidou-o para a consoada, mas ele depressa se chateou com ela, porque não quis servir vodca ao jantar.

– Que merda é esta, uma consoada sem vodca – disse ao cunhado.

Vestiu-se e foi-se embora. As pessoas já se encaminhavam para a Missa do Galo, a fim de arranjar um bom lugar na igreja. Andou por ali em redor da igreja, descortinando

na escuridão rostos conhecidos. Deparou-se com Fulano – até ele se arrastara pela neve até à aldeia.

– Mas que Inverno – exclamou Fulano, sorrindo abertamente e dando uma pancadinha nas costas de Marek Marek.

– Vai-te lixar, velho tolo – respondeu-lhe Marek Marek.

– Sim, sim – anuiu Fulano com a cabeça e entrou na igreja.

As pessoas passavam por Marek Marek e cumprimentavam-no friamente. Sacudiam as botas no adro da igreja e seguiam em frente. Fumou um cigarro, ouvindo as sacudidelas das asas rotas. Por fim, troaram os sinos, as pessoas calaram-se e fez-se ouvir a voz do padre, distorcida pelo microfone. Marek Marek entrou no átrio e, com a pontinha dos dedos, aflorou a superfície fria da água benta, mas não fez o sinal da cruz. Daí a pouco, começou a ficar maldispuesto por causa do mau cheiro dos casacos de pele e dos fatos domingueiros, tirados sabe Deus de onde. Teve uma ideia. Atravessou o átrio outra vez e saiu da igreja. A neve caía como se quisesse apagar todos os rastos. Marek Marek foi direito à loja. De caminho, espreitou o barracão da irmã e tirou de lá a picareta. Arrombou a porta da loja com a picareta, encheu todos os bolsos com garrafas de vodca e ainda as escondeu no peito e nas calças. Tinha vontade de rir. «Co's diabos, não vão descobrir quem foi», disse de si para si e passou a noite a despejar vodca para o depósito de água que estava junto ao fogão. Já as garrafas, deitou-as ao poço. Este foi o melhor Natal da sua vida. Mal se sentia ligeiramente sóbrio, ajoelhava-se diante do depósito e abria a torneirinha. Abria a boca e a vodca escorria-lhe direito do céu.

Logo a seguir ao Natal, começou o degelo; a neve transformou-se numa chuva irritante e o mundo circundante lembrava um velho cogumelo ensopado. A vodca também acabara. Marek Marek já não se levantava da cama, tinha

frio e doía-lhe tudo. Passava o tempo a pensar onde é que poderia encontrar um pouco de álcool. Veio-lhe à cabeça que a vizinha Marta pudesse ter vinho. Durante o Inverno, a casa de Marta estava vazia, porque ela ausentava-se sempre no Inverno. A sua imaginação via a cozinha dela com garrafas de vinho caseiro de pé debaixo da mesa, embora ele bem soubesse que Marta nunca fizera vinho. Mas podia ter feito, podia ter-se dado o caso de, precisamente naquele ano, ter feito vinho de groselha ou de abrunho e deixado as garrafas de pé sob a mesa. « Raios a partam », pensou e saltou da cama. Caminhava, cambaleando, pois já não comia há uns dias e a cabeça doía-lhe como se fosse rebentar.

A porta estava fechada. Abriu-a a pontapé. As dobradiças chiaram de humidade com um som desagradável. Marek Marek ficou maldisposto. A cozinha estava como se a vizinha Marta tivesse partido no dia anterior. A mesa estava coberta com um oleado aos quadrados que chegava ao chão. Em cima da mesa, encontrava-se uma faca grande de pão. Marek Marek espreitou rapidamente para debaixo da mesa e, surpreendido, viu que ali não havia nada. Começou, então, a vasculhar os armários, espreitou para dentro do fogão, do cesto para a lenha e da cómoda, onde os lençóis estavam arrumados em pilhas iguais. Cheirava tudo à humidade do Inverno – a neve, madeira molhada, metal. Vasculhou tudo, apalpou o colchão e o edredão, chegou até a meter a mão nas velhas galochas. E teve uma visão – viu Marta, no Outono, antes de partir, enchendo garrafas com vinho caseiro. Só não conseguia ver onde é que estavam.

– Velha estúpida! Sua puta! – exclamou e desatou a chorar. Sentou-se à mesa, apoiando a cabeça nas mãos. As lágrimas caíam no oleado, banhando as caganitas de rato. Fixou o olhar na faca.

Quando saiu, amparou a porta com uma estaca de madeira, porque gostava de Marta. Não queria que a neve entrasse

na cozinha dela. Neste mesmo dia, a polícia veio ter com ele.

– Nós sabemos que foste tu – disseram. E acrescentaram que haveriam de voltar.

Marek Marek voltou a deitar-se. Tinha frio, mas sabia que não tinha força para segurar o machado e cortar madeira para a lareira. O pássaro agitava-se dentro dele e aquelas sacudidelas faziam o corpo de Marek Marek tremer.

O crepúsculo caiu repentinamente, como se lá fora alguém tivesse apagado as luzes. A chuva que gelava no ar batia nos vidros em ondas constantes. «Se ao menos tivesse televisão», pensou Marek Marek, deitado de costas. Não era capaz de dormir; levantou-se várias vezes durante a noite para beber água do balde; estava fria e era horrível. O seu corpo transformava-a em lágrimas, que começaram a brotar à noite e continuaram até de madrugada. Enchiam-lhe os ouvidos de água e faziam-lhe cócegas no pescoço. De madrugada, dormitou um pouco e, quando acordou, o seu primeiro pensamento foi que já não havia vodca no depósito de água.

Levantou-se e urinou para uma panela. Começou a remexer nas gavetas à procura de uma corda, mas não encontrou; arrancou o reposteiro de cretone velho e desbotado e puxou a fita grossa em que estava pendurado. Viu lá fora Fulano, empurrando a bicicleta até Nowa Ruda. Subitamente, Marek Marek voltou a sentir aquele estado divino; lá fora, a chuva tinha finalmente cessado e a luz cinzenta do Inverno atravessava as janelas, inundando o interior. O passarão também se acalmara, talvez tivesse morrido. Marek Marek fez um laço na fita e atou-a ao gancho junto à porta onde a mãe costumava pendurar as frigideiras. Apetecia-lhe fumar e pôs-se à procura de cigarros. Ouvia o sussurro de todos os papinhos, o ranger das tábuas do soalho, o som leve de uns comprimidos que deixara cair no chão. Não encontrou

cigarros. Assim, foi direito ao gancho, enfiou o laço no pescoço e deixou-se cair no chão. Sentiu uma dor intensa e injusta na nuca. A fita esticou-se por um instante, depois afrouxou e desprendeceu-se do gancho. Marek Marek caiu no chão, sem perceber o que acontecera. A dor espalhava-se pelo corpo inteiro e o passarão voltou a gritar. «Vivi como um porco e vou morrer como um porco», disse Marek Marek em voz alta e, naquela casa vazia, tal coisa parecia um convite para conversar. As mãos tremiam-lhe quando voltou a atar a fita ao gancho — deu-lhe vários nós, torceu-a e apertou-a. O laço estava agora muito mais alto do que anteriormente, mas não tão alto que precisasse de uma cadeira, nem tão baixo que pudesse sentar-se. Enfiou o laço na cabeça, balançou-se por instantes, apoiado nos calcanhares, para a frente e para trás, e, por último, atirou-se de repente para o chão. Desta vez, a dor foi tão forte que ficou estonteado. A sua boca procurava o ar e as pernas buscavam desesperadamente um apoio, ainda que ele não o quisesse. Debatia-se, admirado com o que estava a passar-se, até que, subitamente, foi invadido por tal pavor que fez chichi pelas pernas abaixo. Olhou para os pés que, enfiados numas peúgas rotas, espinoteavam e escorregavam na poça de urina. «Vou deixar isto para amanhã», pensou ainda esperançado, mas já não era capaz de encontrar apoio para o corpo. Voltou a atirar-se para a frente, tentou projectar-se com a ajuda das mãos e, nesse mesmo instante, ouviu um estalo na cabeça; um estouro, um disparo, uma explosão. Quis agarrar a parede, mas a sua mão conseguiu apenas deixar nela um rasto sujo e húmido. A seguir, ficou imóvel, na esperança de que o mal passasse ao lado sem reparar nele. Fixou os olhos na janela e veio-lhe à ideia um pensamento vago e difuso: «Fulano havia de regressar por ali.» Depois, o rectângulo claro da janela desapareceu.

A vida na pequena cidade de Nowa Ruda, situada no coração da Europa, num território de passagem e de fronteiras instáveis, onde povos, guerras e regimes se sucedem, não é tão simples como aparenta ser. Os seus mais recentes habitantes polacos ocuparam as casas deixadas vazias pelos alemães em fuga no final da guerra, e nos bosques em redor há muitos segredos que se escondem debaixo da terra. Com a ajuda de Marta, a sua velha e sábia vizinha, a narradora deste romance, recém-chegada à cidade, vai reunindo as histórias surpreendentes deste lugar, compondo um novelo de mitos, sonhos, episódios anedóticos, que muitas vezes transcendem o visível e o racional, misturando passado e presente.

Casa de Dia, Casa de Noite, primeiro romance-constelação de Olga Tokarczuk, foi vencedor do Prémio Günter Grass e do Prémio Nike.

«Olga Tokarczuk construiu um romance em forma de árvore,
como a Internet, no qual explora todas as dimensões
de um mesmo lugar.»

Le Monde

«Tokarczuk é uma escritora que redescreve
talentosamente o mundo.»

The New Yorker

ISBN 978-989-564-414-8
9 789895 644148



cavalo de ferro